

A PASSAGEM DOS CABOCLOS. OU COMO OS CABOCLOS TOCAM¹

*Paula Siqueira*²

Resumo: Ao me concentrar inicialmente no estudo da ação feitiçeira nos terreiros de candomblé do interior da Bahia, a experiência do dia a dia do trabalho de campo mostrou que, se a vivência feitiçeira era de fato presente, ela estava profundamente vinculada com a relação íntima travada por humanos e seus caboclos. Por isso, neste artigo, procurei descrever o enredo feitiçeiro como uma forma específica de composição – a captura por composição - dentre as várias outras composições incessantemente articuladas pelos mais diferentes seres no candomblé (seres humanos e caboclos, é claro, mas também por entidades espirituais diferentes, sejam elas santos ou exus). Pude assim acompanhar pessoas e seus caboclos, ambos dando passagem a outras entidades espirituais que, por sua vez, modularam o domínio dos primeiros, conjugando assim novas temporalidades e conhecimentos, com resultados sempre imprevisíveis.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras; Caboclos; Feitiçaria; Captura por Composição.

THE PASSAGE OF CABOCLOS ON EARTH. OR HOW THESE AFRO-BRAZILIAN ENTITIES INFLUENCE THE HUMANS AND OTHER SPIRITS THEY GET IN TOUCH WITH

Abstract: While focusing at first on the study of witchcraft in the Afro-Brazilian religion known as Candomblé, the fieldwork in Bahia/Brazil revealed that, even though witchcraft was vastly present, it was deeply linked to the intimate experience

¹ Como citar: SIQUEIRA, Paula. A passagem dos caboclos. Ou como os caboclos tocam. Debates do NER, Porto Alegre, v. 2, n. 38, p. 377 – 395, 2020.

² Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente trabalha como fotógrafa profissional em Londres, Inglaterra, onde mora. E-mail: paula.siqueira@gmail.com. Seu trabalho pode ser visto no site <https://paulasiqueiraphotography.com/>

of humans and their spiritual entities, known as Caboclos (in the region where I conducted my research, Caboclos have a more a generic meaning, denoting all the spiritual entities linked to Candomblé, and a more specific connotation, where it comprises all the spirits of indigenous people who have inhabited Brazil since before the colonization). As a result of that, I expanded the scope of my research beyond witchcraft, including the various types of interactions between Caboclos and humans, which I deliberately described as multiple acts of capture and composition - some more challenging and troublesome, others calmer and steadier -, pointing out that their coexistence advances a very particular knowledge of the world. While human beings, possessed by their spiritual entities, experience the past through spirits who have lived in a different time than theirs, they also try to shape the future by engaging in spiritual cleanses (“trabalhos de limpeza”), where they feed their entities in the hope to absorb some of their influence. Ultimately, humans and caboclos are always combining their existences in an ever-changing, unpredictable mutual composition.

Key-words: Afro-Brazilian religions; Caboclos; Witchcraft Capture by Composition.

Marujo zuela³:

Oi!, Elisa, já é meia-noite,
O meu violão vai tocar,
Elisa, se alguém perguntar
O que foi que te ofendeu,
Fale a verdade, não minta, Elisa,
Pode dizer que fui eu.
Elisa, já é meia-noite,
O meu violão vai tocar,
Elisa, se seu pai perguntar,
Ô, de quem foi aquela linda voz,

³ Zuelas são as músicas dos caboclos, orixás, exus e marujos. O substantivo ‘zuela’ abarca o conjunto dos ritmos de atabaque e letras cantadas, mas o verbo normalmente tem seu significado restrito ao canto.

Fale a verdade, não minta, Elisa,
Foi um Marujo feroz.

Fotografia 1 - O Caboclo Lage Grande desta mãe-de-santo é seu principal guia. É com ele que ela dança em seus toques e faz vários dos trabalhos para as pessoas que a procuram em busca de ajuda para problemas de natureza diversa. Lage Grande é considerado agreste, bravo, mas ao mesmo tempo é respeitado e querido por quem convive com ele (Fotógrafa/Paula Siqueira)



Durante a minha pesquisa em terreiros de candomblé no interior da Bahia, onde todas as fotos inseridas neste artigo foram feitas⁴, abordei princi-

⁴Tanto as fotografias como o texto deste artigo são fruto da minha pesquisa para o doutorado, financiada em grande parte pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), aos quais agradeço imensamente. Dado que o assunto principal da minha pesquisa é delicado e pode ser interpretado como mais um estereótipo pelo qual religiões afro-brasileiras têm sido novamente perseguidas, procurei manter anônimos tanto os nomes das cidades onde pesquisei como os das pessoas com quem tive mais contato. Os rostos aqui retratados são exclusivamente de pais e mães-de-santo e seus caboclos, todos eles já publicamente associados ao candomblé na região.

palmente os movimentos incessantes da ação feitiçeira. Porém, a experiência do dia a dia em terreiros mostrou que, se a vivência feitiçeira era de fato presente, ela estava profundamente vinculada com a relação íntima travada por humanos e seus caboclos. Foi por isso que, desde o primeiro mês de pesquisa, assumi que, se era assim vivido, meu tema de pesquisa incorporaria também essa relação. E durante a maior parte do tempo foi como eu abordei as pessoas e os caboclos, procurando saber como se relacionavam entre si. Nunca deixei de fazer questões mais diretas sobre a feitiçaria, porém, elas eram sempre permeadas por outras mais genéricas sobre os caboclos e sobre o candomblé.

Foi por isso que pude ver que a imposição de um espírito ou caboclo feitiçeiro – a maneira como eles influenciam – foi muitas vezes semelhante àquela realizada pelos outros seres que uma pessoa já leva consigo, os seus próprios caboclos, exus e orixás – e é nisso que, a meu ver, residiu grande parte do que chamei de a batalha e a beleza no candomblé do interior baiano.

Fotografia 2: O Marujo deste pai-de-santo desceu para brincar num toque de candomblé numa das cidades vizinhas em que o pai-de-santo tinha sido convidado. Esse toque foi especialmente bonito porque zuelas de vários terreiros foram entoadas, cantos que eu ainda não havia ouvido mesmo depois de anos de trabalho de campo. Foi um toque em que vários Caboclos de Pena e Marujos desceram para dançar e beber até altas horas da madrugada (Fotógrafa/Paula Siqueira).



Com efeito, mesmo um humano que já tenha esmiuçado o comportamento de seus exus, santos e caboclos – que já tenha procedido à etologia⁵ de seus encontros com os não humanos –, mesmo ele podia ser acometido pela ira das “influências” que o compõe. O ser humano que é “radiado⁶” no

⁵ Inspirei-me no que Deleuze e Guattari (1997, p. 42) chamaram de “etologia”, isto é, o “estudo dos afetos de um corpo”, a descrição das “relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam”, e as correspondentes “intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir”. “O que pode um corpo?” – pergunta-se Espinosa e, com ele, Deleuze e Guattari (1997, p. 42). Parafraseando-os, em minha pesquisa de doutorado, eu parti das perguntas ‘O que pode um caboclo? O que pode um exu? O que pode um santo?’

⁶ Irradiar é uma modulação do transe, “o caboclo não toma totalmente, mas radeia”. Pode ser totalmente imperceptível para alguns, mas óbvio para outros. Irradiar não é

dia-a-dia por seus seres espirituais sabe bem que esses encontros o fortalecem e enfraquecem. Por exemplo, a disposição para a briga de Ronaldo era uma cisma vinda de seu Exu, que o metia em encrenca, mas o afastava de situações ainda mais delicadas. O difícil trajeto para casa do bêbado era feito em segurança por seu Martim ou, ao contrário, interrompido pelo mesmo seu Martim, o caboclo marinho bêbado que quis um dia ver seu cavalo⁷ na sarjeta. Por diversos motivos, os espíritos diminuem a velocidade de seu cavalo, “atrasando” sua vida. Por diversos motivos, eles aumentam-na, trazendo-lhe “prosperidade”. Na minha pesquisa, grande parte do esforço descritivo se concentrou em percorrer e visibilizar o ritmo volátil desses encontros e os meandros e intensidades de suas composições e decomposições.

Não me preocupei, portanto, em afastar as relações, sobreposições e deslizes que a bruxaria guardava com outras ações no candomblé. Bem ao contrário, tomei a feitiçaria como um modo particular de composição – uma singularização, um ritmo, um sotaque – que chamei de captura por composição (ver abaixo). No entanto, tenho consciência de que, ainda que a feitiçaria tenha sido abordada de forma ampliada, o fato de eu ter acompanhado um aspecto menos harmonioso da relação entre caboclos e humanos, certamente guiou minha descrição do próprio candomblé do interior baiano.

COMO O CABOCLO TOCA? AS CAPTURAS E COMPOSIÇÕES NO CANDOMBLÉ DO INTERIOR BAIANO

Alguém zuela, a modo de pergunta:

- Seu Boiadeiro, cadê sua guiada?

Seu Boiadeiro responde:

- Minha guiada ficou em Belém,

só uma forma de influência de caboclos sobre humanos, mas também entre entidades diferentes, como veremos abaixo.

⁷ Cavalo é um termo usado para designar o humano em quem uma entidade incorpora (e para o qual há inúmeros sinônimos: carnal, couro, médium, aparelho, matéria).

Chapéu de couro ficou lá também...
Alguém zuela, a modo de comentário:
- Seu Boiadeiro, sem guiada, não é ninguém.

Não é estranho, portanto, que no meu trabalho de campo o “meio [do candomblé tenha sido descrito como] de muita guerra, muito susto” e que as rixas e capturas façam parte de quem se preparou ao longo dos anos de convivência com os caboclos. Porém, ainda que as batalhas entre diferentes pais-de-santo, ou entre estes e seus filhos, tenham sido parte importante na minha pesquisa, as rixas relacionadas mais estreitamente aos “ritmos” de cada casa de candomblé não apareceram em destaque. Talvez a principal razão para tanto se deva à maneira como desde o início ‘desenhei’ minha pesquisa. Já no projeto inicial, previa uma menor preocupação em tomar os terreiros como unidades fechadas, privilegiando, ao contrário, as intercapturas entre as diferentes casas, espíritos e pessoas. Por isso, a própria trajetória do meu trabalho de campo enfatizou mais as relações íntimas dos caboclos com as pessoas ligadas às mais variadas formas ao candomblé, e menos o pertencimento de ambos a uma “linha”, “água” ou “ritmo” (todos esses termos usados para descrever as diferentes filiações de cada casa de candomblé).

De início, porém, tal orientação pareceu um obstáculo. Ao procurar filhos-de-santo ou pessoas relativamente próximas ao candomblé, elas afirmavam não saber o suficiente sobre candomblé para conversar sobre o assunto, me remetendo a algum zelador de santo ou a outras pessoas de seu entorno imediato. Normalmente, porém, a conversa tomava outra direção, muito menos formal, quando eu declarava estar mais interessada sobre suas relações particulares com os caboclos e menos sobre a liturgia do candomblé. A partir de então, havia muitas histórias – momentos íntimos nem sempre ligados aos terreiros de candomblé da região. Pois, se estas pessoas afirmavam pouco saber sobre o idioma ritual do terreiro que frequentam – ou deixaram de frequentar –, muito tinham a falar sobre seus espíritos, que já haviam lhe mostrado técnicas rituais (procedimentos terapêuticos ou de ataque), além de caprichos, vontades e raivas – “ritmos” às vezes em franca discordância

com as entidades ou liturgia preferidas de seu pai ou mãe-de-santo que, não obstante, muitas vezes se sentia à vontade para lidar com os seres de seus filhos. O princípio que guiou minha pesquisa foi que, ao se relacionar com um caboclo, está se gerando conhecimento, e, portanto, este conhecimento deve ser levado a sério mesmo que não seja um enunciado aprovado ou legitimado por um pai ou mãe-de-santo.

Fotografia 3 - O pai-de-santo deu passagem ao Marujo de sua filha, entidade que vemos nesta foto, para amenizar a presença da Padilha, que estava especialmente agitada naquele dia (Fotógrafa/Paula Siqueira)



Foi por isso que acompanhei os usos nativos do termo *candomblé* para me referir a todos os diferentes “ritmos” da região, e também com os termos “caboclo”, “santo”, “diabo”, “orixás”, “erês”. Em minha pesquisa, cada uma dessas palavras abrangeu uma infinidade de seres que, apesar de

diferirem entre si, se distinguiam ainda mais dos outros que não partilhavam consigo o mesmo termo genérico de referência. Porém, cada um deles ressoa potencialmente todos os outros. Explico-me. Os caboclos, por exemplo, são normalmente espíritos de índios, porém ‘caboclo’ é um termo utilizado também para se referir à totalidade dos espíritos, sejam eles caboclos, orixás, erês, exus ou marinheiros⁸. E o mesmo aconteceu com cada uma dessas entidades (quando os termos “santo”, “diabo”, “caboclo”, “espírito” era usada como referência a todas as entidades).

Mas se há um movimento de generalização, há também uma tendência igualmente presente de singularização. Um boiadeiro é um caboclo, um marujo também o é. Porém, não só ambos têm personalidades diferenciadas, mas também cada um deles abrange uma infinidade de outros boiadeiros e marujos diferentes entre si. Além disso, a manifestação de um caboclo em um ser humano torna, através da convivência e intercaptura, cada um desses caboclos ainda mais singular. Ainda que se diferenciem, estes caboclos se parecem mais entre si do que a orixás como Ogum, a erês como Espadinha e a tranca-ruas como o das Sete Encruzilhadas. Enquanto os exus são espíritos de pessoas que tiveram uma vida pouco regrada, ou então uma morte violenta, os orixás são espíritos de pessoas que viveram há ainda muito mais tempo que os agora exus, caboclos e marujos. Além disso, os orixás são também negros, ainda que possam “descer” brancos e alourados em suas singularizações junto aos humanos.

⁸ “Encaboclar” é também um dos sinônimos usados para incorporação, seja pelos próprios caboclos, seja por orixás, exus, etc.

Fotografias 4 e 5 - O caboclo Boiadeiro deste pai-de-santo, dado ao bom falar, é normalmente quem realiza suas consultas e faz trabalhos de limpeza, sendo a primeira entidade com quem o visitante de seu terreiro vai ter contato (Fotógrafa/Paula Siqueira)



Essas singularizações – ou, de certo ponto de vista, intercapturas – são realizadas por inúmeros motivos. Alguns dos orixás – oxóssi e ossanha, por exemplo – se aproximam dos caboclos por morarem no mesmo lugar, a floresta. Os moradores das águas, por sua vez, aproximam-se entre si – é o caso de seu Martim, o caboclo-marinheiro bêbado, e das orixás oxum e iansã. Alguns desses encontros são mais passageiros. O Tranca-Rua de Júcio um dia foi “irradiado por seu Martim”, deixando-o bêbado. A influência de seu Martim – o marinho bêbado – se pareceu com aquela que ele exerceria em um ser humano; sua presença não tomou totalmente o exu, mas uma pessoa versada soube vê-la. Aliás, o próprio seu Martim – caboclo marinho - é um ser especial, pois, apesar de egum, ele não é um espírito de morto qualquer, indiferenciado. Ao contrário, ele possui um nome próprio, seus gostos são conhecidos e, mais importante, cada seu Martim mantém uma relação próxima com seu carnal. Além disso, estes marinhos são considerados especialmente próximos dos exus, pois partilham de sua irreverência, farras e desapego⁹.

⁹ Santos (1995, p. 126) cita algumas falas nativas sobre seu Martim, ‘recolhidas’ na Bahia, que evidenciam o caráter ambíguo desses marujos: eles “têm três partes: responde Caboclo, exu, egum” (...); “mas marujo não é caboclo, é uma pessoa que

Meu Tata¹⁰, acabou,
Não tenha desgosto,
A vida é mesmo assim,
Um caboclo puxa o outro!
Tempo vira, deixa virar,
O mundo é mesmo assim,
Deixa as águas levar.

Os caboclos, além de influenciarem os humanos, se tocam. Eles também não andam sozinhos - são acompanhados por outros caboclos, santos, orixás e exus – e ao tocá-los, ao partilhar a sua morada – seja no terreiro, seja em objetos ou paisagens naturais, seja no próprio humano que lhes dá passagem –, eles os modulam.

desencarnou e voltou para um certa missão” (...); “ele diz que, quando quer, é caboclo. Ele pode ser exu quando ele quer ser. Vai até embaixo do mar, bem mais do que Exu”. Apesar de Santos (1995, p. 126-131), Carneiro (1986, p. 75-76) e Iriart (1998, p. 233-258) terem dedicado alguma atenção aos marinheiros bêbados, ainda está para ser feita uma etnografia detalhada sobre essa interessante e bastante presente categoria de espíritos no candomblé baiano.

¹⁰ O termo Tata pode ser dirigido a um humano ou a um espírito. Significa ‘pai’.

Fotografias 6 e 7 - O Marujo deste pai-de-santo normalmente desce em todas as festas do terreiro, sejam elas espontâneas com apenas poucas pessoas ou toques maiores e mais formais. Nesta ocasião, ele veio para farrear e beber sua cachaça mesmo que a festa fosse originalmente um pequeno caruru para Cosme e Damião
(Fotógrafa/Paula Siqueira)



São estas conjunções e radiações sucessivas que tornam complicada e, de certa forma, sem sentido uma tentativa de classificar em conjuntos bem definidos as características e histórias de cada tipo de ser (caboclo, santo, exu etc.). Ao longo de um caminho trilhado em companhia, por meio de suas interpenetrações, os espíritos se diferenciam. As suas radiações geram novas combinações, singularizando tudo o que ‘tocam’ – humanos, outros espíritos, objetos, plantas, canções, o próprio tempo –, e tais individualizações são ubíquas, incessantes¹¹. Lembremos que o movimento entre um

¹¹ A feitiçaria seria uma das formas menos harmônicas – ao menos inicialmente – pelas quais essas singularizações ocorrem. Quando chamei de captura por composição o ato de enviar um espírito para enfeitiçar outra pessoa, desejei enfatizar exatamente tal irresolução. A captura não termina em si mesma, ela compõe e, neste ato, há muito que escapa ao controle do feiticheiro. Aliás, controle não é mesmo um bom termo para descrever essa forma especial de captura. Quando um feiticheiro envia um espírito para fazer mal a seu desafeto, ele faz uma aliança com um ser temperamental, cuja força é maior do que a sua própria. Ao chegar a seu alvo, o espírito passa a habitar o corpo do enfeitiçado – ato que chamei de composição –, e, uma vez ali, nunca se sabe quais outras alianças se seguirão.

e outro caboclo, orixá ou exu, parece ser menos o de exclusão, e mais o de passagem¹² que são trilhadas, no caso dos caboclos, por meio de danças, farras, trabalhos de limpeza, de alimentação, de cura, de feitiço e pela própria brincadeira e camaradagem. Mas são também passagens que longe de serem apenas movimentos conviviais e harmônicos são, também, atos de batalha. Quem terá seu lugar à frente?

Durante minha pesquisa, observei pessoas e santos incessantemente transformarem-se em lugares, dando passagem a habitantes invisíveis que modularam o seu domínio. O enredo do candomblé, que abrange zuelas e sotaques, capturas e povoamentos, produzem modulações e resultam em novas composições com resultados sempre imprevisíveis.

ENCABOCLAR: PASSAGENS DO TEMPO E DE CONHECIMENTO

Eu vim aqui pra visitar,
Sangue de caboclo,
Barriga de boneca,
Eu sou sua filha,
E vós é minha neta

¹² “Dar passagem” é mais um dos termos para a possessão. É quase uma obrigação. Por exemplo, o pai-de-santo avisava a Reinaldo que ele não deveria bulir com seus caboclos, que deveria lhes “dar passagem”, pois, se não os deixasse manifestar, seria alvo da mágoa daqueles seres tão perigosos quanto onça pintada.

Fotografia 8 - Trabalhos de limpeza, como este da foto, feitos em clientes que procuram o terreiro pelos mais variados motivos, são também oportunidades para alimentar as entidades espirituais, firmando a relação de composição entre os caboclos e seus cavalos, relação esta que pode ser atravessada tanto por momentos de tensão como de descontração (Fotógrafa/Paula Siqueira)



“São as descendências¹³ de Jaco” – me dizia Marcos, sobre “os mais antigos” do seu amigo, os seus agora orixás, exus e caboclos. “O corpo dos caboclos e exus era o mesmo que o da gente”, Marcos complementou, “eles já foram gente faz muito tempo, os santos faz mais tempo ainda”. Os espíritos normalmente são seres experientes e, pensando neles, Juliana se admirava com o tanto de história que já havia vivido em seus apenas vinte e poucos anos. Suas histórias eram também as dos seres que a acompanhavam, grande parte deles herdados de sua avó, mãe-de-santo há muito falecida. A garota, com eles, via-se aumentada: ela carregava uma profundidade temporal, uma vez que seus espíritos já viveram muito – na verdade, ainda vivem –, por isso levavam consigo o “carrego do tempo”, uma profundidade

¹³ Além de também indicar as entidades antepassadas de um médium, a palavra descendência, no interior da Bahia, normalmente é sinônimo de ascendência (no sentido genealógico), o que não deixa de ser sugestivo.

temporal cuja intensidade penetra o corpo humano¹⁴. Desde os seis anos, Juliana frequentava o terreiro de candomblé do qual uma filha-de-santo de sua avó passou a tomar conta. Juliana e Jenifer – sua amiga, vizinha e irmã-de-santo – sempre moraram na mesma rua, perpendicular ao terreiro de um pequeno povoado da região. Ambas, ainda crianças, batucavam os baldes e latas que encontravam pelo quintal, e remedavam os caboclos dos adultos, em sua maioria seus parentes. Quando crescesse, Jenifer queria ser ogã, e Juliana, mãe-de-santo. Ainda pequena, Juliana acordava à noite, aos prantos, mas não sabia o porquê. Saía à rua, a mãe aflita, e a menina não tinha um motivo. “Era minha avó” – diz ela, hoje com certeza.

“Sonho com ela me entregando presente. É muita, muita história, você não queria fazer uma entrevista? Eu tenho que passar por equede para ser mãe-de-santo. É meu sonho, e eu vou ser, com fé em Deus. Não posso virar nas festas, porque, se eu virar, não aprendo. Só quando eles querem mesmo descer, porque não é bom não deixar passar. Daí alguém conversa com eles e pede que eles entrem no zambi, que saiam do aparelho. Já dei obrigação,

¹⁴ Tais reflexões foram inspiradas em Anjos (2006, p. 20-23). O autor formulou várias frases para caracterizar o que chamou de “cosmopolítica afro-brasileira” (por exemplo, “a intensidade histórica que se faz corpo” ou “o passado falando em nós, o passado coexistindo, sobrepondo-se ao meu presente”). Cardoso (2004, p. 110), por sua vez, afirma algo parecido sobre o cruzamento de tempos diferentes na macumba carioca, tema de sua etnografia. Através dos espíritos de exus e pombas-gira, diz a autora, “tempos e lugares se cruzam, passado e presente, eventos próximos e distantes, pessoas aqui e ali, todos eles são colocados juntos na narrativa desenvolvida pelos espíritos e por sua audiência”. Também Rabelo (2008, p. 94), num artigo em que a possessão no candomblé é abordada como prática, propõe a substituição da “noção linear de tempo enquanto mera sucessão por outra que enfatiza as relações de implicação ou elaboração recíproca entre passado e futuro na dinâmica da experiência” (...) Então, continua a autora, “já não cabe dizer que um comportamento é simples efeito ou expressão do que já estava delineado em seu passado, porque o passado efetivo, que conta na experiência, não é um dado distante no tempo, mas aquilo que ainda vigora no presente do sujeito: é um passado reapropriado e aplicado a novas situações e, neste sentido, não só reafetado, mas também descoberto e criado”.

trabalho de limpeza, mas ainda não entrei no roncó. Até o final do ano vou ser filha-de-santo de Angelita, com fé no senhor. Tenho o Obaluaê de minha vó – peguei seu carma. Eu não queria ter isso tudo, é muita história... Recebo também um santo guerreiro, Tumbajuçara, que era da minha avó e é herança de Angelita, mas agora também chega perto de mim. Recebo um orixá surdo e mudo, também era de minha vó. Não sei o nome dele, ele não fala, é velhinho...”

Jaco tem uma história diferente da de Juliana. Quase ninguém em sua família tinha uma aproximação com o candomblé, mas ele tem “a nação em [seu] sangue” porque “não nasceu sozinho”, é mabaço (gêmeo). Talvez justamente pela facilidade em atrair espíritos diversos, e por nenhum de seus parentes se mostrar igualmente disposto, é provável que Jaco, enquanto viver, seja o único herdeiro das “descendências” de sua família, fato que não é considerado exatamente ruim, pois Jaco teria a oportunidade de concentrar mais força sobre si. As “descendências” de Jaco – seus parentes há muito mortos – e os caboclos da avó de Juliana, que agora são seus, não perfazem dois conjuntos diferenciados. Entre as pessoas com quem mais tive contato, não se costumou diferenciar caboclos-espíritos-de-antepassados de caboclos herdados de algum parente morto não há muito tempo.

Fotografias 9 e 10 - Mãe e Filha-de-Santo durante um trabalho de limpeza (à esquerda). Muitos destes trabalhos são feitos pela mãe-de-santo enquanto ela está “radiada” pelos seus guias, normalmente caboclos que lhe passam as instruções específicas para cada trabalho em particular (à direita) (Fotógrafa/Paula Siqueira)



E foi pensando na possibilidade de um mesmo espírito ser ambas as coisas que pude ver lançada uma fagulha de luz à zuela acima (“vós é minha neta e eu sou sua filha”), zuela que durante muito tempo pareceu a mim e a alguns amigos “candomblezeiros” um enigma sem resposta. O mistério não a abandonou de todo, mas penso poder ouvi-la – entre as inúmeras notas possíveis – como uma das inversões que o candomblé transporta. Pois, se tudo correr como Juliana deseja, aqueles caboclos, que um dia foram de sua avó, se tornarão filhos de Angelita que, lembremos, era filha não só da avó de Juliana como também desses caboclos que agora são de Juliana. Eles, que um dia foram pais, hoje serão filhos. “Eu sou sua filha e vós é minha neta” – a cabocla de Juliana bem poderia zuelar para Angelita.

Os santos, caboclos e exus “fazem parte” de seus filhos; eles se deixam capturar pela condição de filhos, tornando-se um deles (“eu sou sua filha...”). Mas estes mesmos caboclos se tornam filhos sem deixarem de ser pais de seus carnis; e, mais importante, seus carnis são por eles transformados. Os caboclos saturam seus filhos com sua própria paternidade, transformando-os também em pais (“... e vós é minha neta”)¹⁵. Porém, ao ser preenchido com a paternidade de seu espírito, o médium vê sua própria paternidade inchar-se e desinchar-se. Tais sucessivos esvaziamentos e preenchimentos encontram ressonância na ideia nativa de que, ainda que negociada, é a vontade da divindade que terá proeminência. É por isso que mesmo alguém cuja ascendência junto a orixás, caboclos e exus se faz evidente, somente poderá dizer que “quase” está protegido deles e por eles.

¹⁵ Não acho muito, pela vivacidade, citar esse trecho de Pacheco (2000, p. 33-4) sobre sua relação com Maria Padilha: “Ela é Senhora. É sua senhora e você sua escrava. Até que você se impregne de sua altivez e se torna rainha também, seu corpo glorificado com o remelexo de suas ancas, aí que está a sedução e a loucura”.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. *No Território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Fundação Cultural Palmares. 2006.
- CARDOSO, Vânia Zikán. *Working with Spirits: Enigmatic Signs of Black Sociality*. Texas: The University of Texas at Austin (Tese de Doutorado). 2004.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1730 - Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. In: *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Ed. 34. 1997.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein. *Les femmes dans le candomblé. Expérience Religieuse et Idiome de la possession dans la vie des femmes de Cachoeira, Brésil*. Montreal: Université de Montréal (Tese de doutorado). 1998.
- OPIPARI, Carmen. *Le Candomblé: images en mouvement (São Paulo – Brésil)*. Paris: L'Harmattan. 2004.
- PACHECO, Jandira. *O "Povo da Rua" em Brasília. Exu e Pomba-Gira: Iconografia e transgressão do Imaginário Popular*. Brasília: UnB / Departamento de Antropologia (Dissertação de mestrado). 2000.
- RABELO, Miriam. A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica. *Mana* vol. 14, no. 1, p. 87-117. 2008.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. *O Dono da Terra: o Caboclo nos Candomblés da Bahia*. Salvador: Sarah Letras. 1995.

Recebido em: 30/09/2020

Aprovado em: 30/09/2020

RESENHAS

